

Terça-Feira, 29 de Outubro de 2024

Nunes conta com histórico a favor para vencer em SP; Boulos se agarra em feito raro para virada no 2º turno

CORRIDA ELEITORAL EM SP

Terra

Neste domingo, 27, eleitores de São Paulo voltarão às urnas pela segunda vez neste mês para decidir quem será o prefeito da cidade pelos próximos quatro anos. Desde a primeira realização do 2º turno na capital paulista, em 1992, todas as eleições municipais tiveram dois turnos, com exceção de 2016. Em 2024, a disputa será entre Ricardo Nunes (MDB) e Guilherme Boulos (PSOL).

O histórico mostra um cenário desafiador para Boulos, que terminou o 1º turno com 29,07% dos votos, atrás de Nunes, com 29,48% dos votos. Nas sete disputas de 2º turno na capital, em seis delas o candidato que emergiu das urnas na primeira rodada na frente venceu as eleições. E apenas uma única vez o candidato que passou para segundo turno com menos votos foi eleito.

Em 2012, o atual ministro da Fazenda, Fernando Haddad (PT), fechou o 1º turno com 28,98% dos votos válidos, contra 30,75% do ex-governador José Serra (PSDB). No 2º turno, o petista foi eleito com 55,57% dos votos válidos contra 44,43% do tucano; Haddad teve 3.387.720 votos, e Serra ficou com 2.708.768 votos. (Confira abaixo o resultado das últimas eleições em São Paulo)

No 1º turno, realizado no último dia 6 de outubro, a diferença de Nunes e Boulos foi de 25.012 votos – distância de votos bem menor que a de Serra para Haddad, que foi de 108.532 votos. Embora a quantidade de votos seja menor para Boulos superar este ano, o contexto eleitoral e o desafio para o psolista é maior que o de Haddad. É o que avaliam cientistas políticos ouvidos pelo Terra.

Em 2012, Serra tinha uma taxa de rejeição alta, e Haddad -- mesmo com a influência negativa que o escândalo do mensalão provocou em seu partido, o PT -- superou o tucano com o apoio da então presidente Dilma Rousseff (PT), que tinha uma aprovação na casa de 70%. Na época, Haddad ainda se beneficiou da neutralidade de Celso Russomanno, que não apoiou nenhum dos candidatos depois de ter conquistado 1.324.021 votos e ficar em terceiro no pleito.

'Neutralidade' de Marçal beneficia Nunes

Diferente de Haddad, que ficou com a maior parte dos votos do terceiro colocado em 2012, Boulos tem no 2º turno pouco espaço para crescer. O dono do 3º lugar da disputa em primeiro turno, Pablo Marçal (PRTB), adotou também uma posição de 'neutralidade'. O ex-couch teve 1,7 milhão de votos (28,14% dos válidos) e não pediu voto para nenhum dos candidatos. No entanto, como parte desses votos é de eleitores mais à direita, é difícil que migrem para Boulos.

A neutralidade de Marçal, na realidade, beneficia Nunes, segundo especialistas ouvidos pelo Terra. Na pesquisa Datafolha divulgada na quinta-feira, 24, o prefeito Ricardo Nunes registrou 49% das intenções de voto, contra 35% de Guilherme Boulos, uma vantagem de 14 pontos percentuais. Na capital, uma virada do segundo colocado nas pesquisas de segundo turno nunca aconteceu.

“Boulos, diferentemente de Haddad [com Russomanno], não herdou parcela significativa do eleitorado de Marçal. PSDB e PSB, apesar dos apoios oficiais, não conseguiram um resultado satisfatório nas urnas e também não têm força suficiente de transferência de voto. Por isso, a maior parte [das pesquisas] aponta a tendência de Nunes vencer com grande margem de votos”, ressalta a cientista política da UFSCar, Maria do Socorro Sousa Braga.

Lincoln Telhado, cientista político e diretor do Instituto de Estudos Legislativos e Políticas Públicas (Ielp), explica que o passado ligado ao MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto) tem pesado para Boulos conquistar votos do eleitorado, e Nunes tem parte do seu sucesso nas pesquisas explicado por ser um político pouco conhecido.

“Boulos não tem conseguido melhorar o percentual de eleitores muito em razão do peso negativo da sua relação com o MTST, além de ser do PSOL, partido mais à esquerda, considerado extremamente ideológico para o eleitor mediano. Nunes, por sua vez, é um político pouco conhecido, que ainda não teve muito desgaste na vida pública”, analisa Telhada.

O especialista ainda lembra, traçando um comparativo e explicando a virada de 2012, que o concorrente de Haddad foi o Serra, político experiente e bastante conhecido. Esse cenário, portanto, é muito diferente do atual. Maria do Socorro Sousa Braga acrescenta que Haddad realizou, em 2012, uma coordenação política mais exitosa com quadros da direita e da centro-direita. Boulos, por sua vez, não conseguiu isso.

“A disputa entre Nunes e Boulos é marcada por um ambiente de polarização em âmbito local, uma vez que ambos se apoiam na disputa nacional entre o Bolsonarismo, hoje no PL, e o PT, do presidente Luiz Inácio Lula da Silva”, diz a cientista política.

Segundo o TRE-SP, 25% do eleitorado decidiram não votar no 1º turno em São Paulo. O desafio tanto para Nunes quanto para Boulos será convencer essas pessoas a irem às urnas no domingo. Na pesquisa Datafolha, 2% dos eleitores estão indecisos em quem votar. Outros 14% apontam que irão votar em branco ou nulo.

Resultados do 2º turno desde 1992

1992

Paulo Maluf (PDS): 48,8% (eleito)

Eduardo Suplicy (PT): 30,6%

1996

Celso Pitta (PPB): 48,2% (eleito)

Luiza Erundina (PT): 24,5%

2000

Marta Suplicy (PT): 34,4% (eleita)

Paulo Maluf (PPB): 17,4%

2004

José Serra (PSDB): 43,5% (eleito)

Marta Suplicy (PT): 35,8%

2008

Gilberto Kassab (DEM): 33,6% (eleito)

Marta Suplicy (PT): 32,8%

2012

José Serra (PSDB): 30,7%

Fernando Haddad (PT): 28,9% (eleito)

2016 (Não houve 2º turno)

João Doria (PSDB): 53,2% (eleito)

2020

Bruno Covas (PSDB): 32,8% (eleito)

Guilherme Boulos (PSOL): 20,2%

Feito raro de Haddad

O feito raro de Haddad de vencer o 2º turno em 2012 é explicado, em parte, pela cientista política Maria do Socorro Sousa Braga. Ela lembra que Haddad iniciou a campanha de 2012 com 7% das intenções de voto, mas cresceu com a entrada do ex-prefeito Paulo Maluf. À época, o malufismo ainda era uma força mobilizadora de votos na capital e o PP, partido de Maluf, ocupava ministérios no governo Dilma.

Outro fator foi que o petista deixou o Ministério da Educação para disputar a prefeitura. Ou seja, ele colhia os bons resultados de programas como o Prouni e chegou respaldado pelos índices de aprovação do segundo ano do 1º mandato de Dilma Rousseff.